

A dramatic religious illustration. In the foreground, Jesus, with a beard and long hair, wearing a brown robe, looks upwards with a pained expression. An elderly man with a long white beard and a yellowish-brown hooded cloak stands behind him, his hands resting on Jesus' shoulders. The background is a dark, stormy landscape with a lightning bolt striking the ground on the right. In the distance, a cross is visible on a hill to the left, and a lone figure stands on a rocky outcrop to the right. The overall mood is one of suffering and divine presence.

# PLANO GERAL DE FORMAÇÃO (PGF) 2023

Catequese

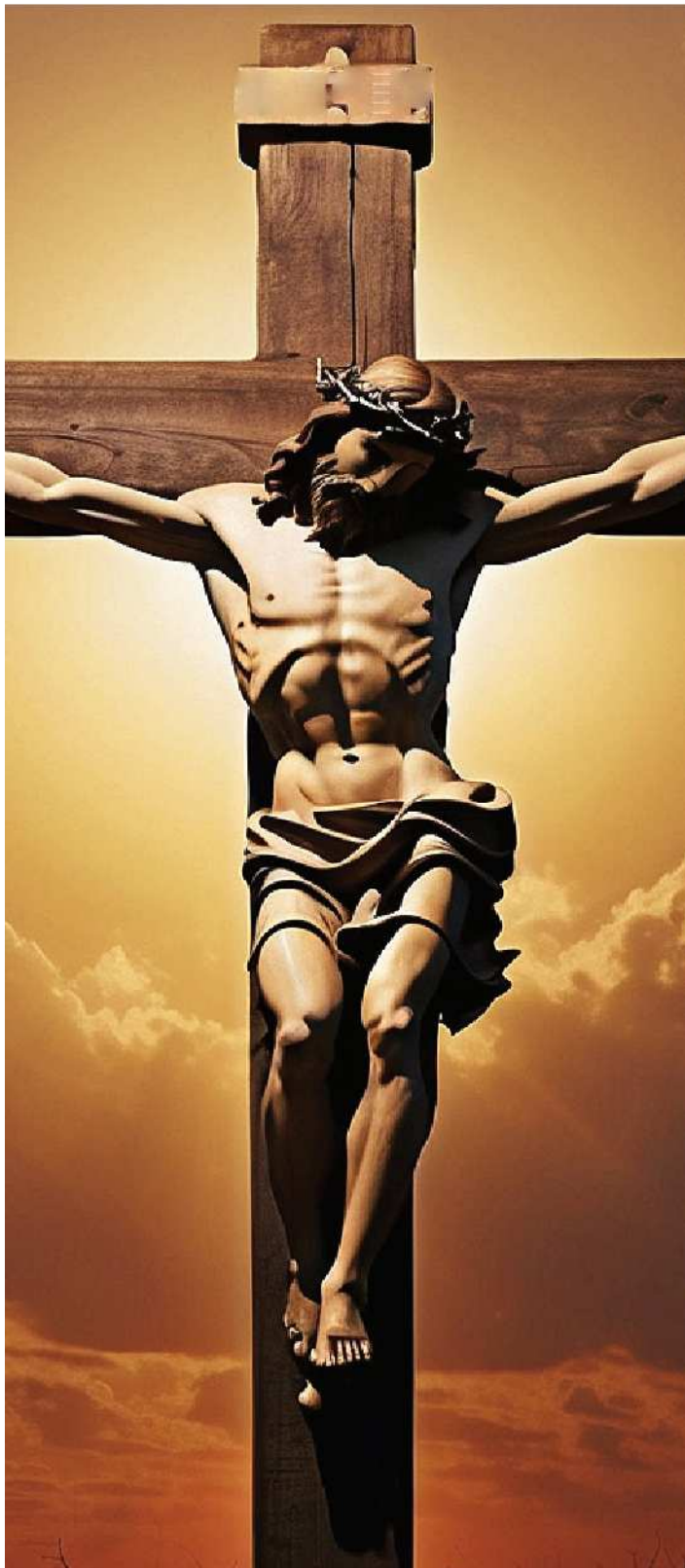
2

# 2

## EU, PEDRO E A CRUZ

### Formar-se para a Paixão de Cristo desde a Paixão de Cristo

*P. Nuno Filipe Ventura Martins, cp*



#### Introdução

A vida de Jesus foi uma formação permanente para o seu Mistério Pascal de Paixão, Morte e Ressurreição. Neste caminho, Jesus foi simultaneamente formando e formador. Foi formando, porque como nos recorda a carta aos Hebreus: “nos dias da sua vida terrena, apresentou orações e súplicas àquele que o podia salvar da morte, com grande clamor e lágrimas, e foi atendido por causa da sua piedade. Apesar de ser Filho de Deus, aprendeu a obediência por aquilo que sofreu e, tornado perfeito, tornou-se para todos os que lhe obedecem fonte de salvação eterna, tendo sido proclamado por Deus Sumo Sacerdote segundo a ordem de Melquisedec.” (Heb 5, 7-10) Mas também formador, uma vez que educou os seus discípulos para a Paixão, Morte e Ressurreição, como podemos constatar na secção da viagem de Jesus para Jerusalém (cf. Lc 9,51-19, 28) que inclui os anúncios da Paixão e conclui-se com o Mistério Pascal de Jesus.

Nesta segunda catequese sobre o Acontecimento da Paixão de Jesus de Nazaré, fonte, princípio e critério do carisma passionista na Igreja, queremos acompanhar e rever-nos no itinerário formativo do apóstolo Pedro. É um caminho árduo de formação contínua, onde a frontalidade, a paciência e a misericórdia de Jesus, são a verdadeira pedagogia.

Assim sendo, o itinerário desta catequese, acompanhando o caminho formativo de Pedro por Jesus, é constituído por cinco momentos: a resistência à Cruz de Cristo; a autossuficiência de Pedro e a nossa; o orgulho de Pedro e o nosso; O drama de Pedro e o nosso: sou um pecador salvo por Jesus; um amor para ser verdadeiro não precisa de ser perfeito! No final de cada

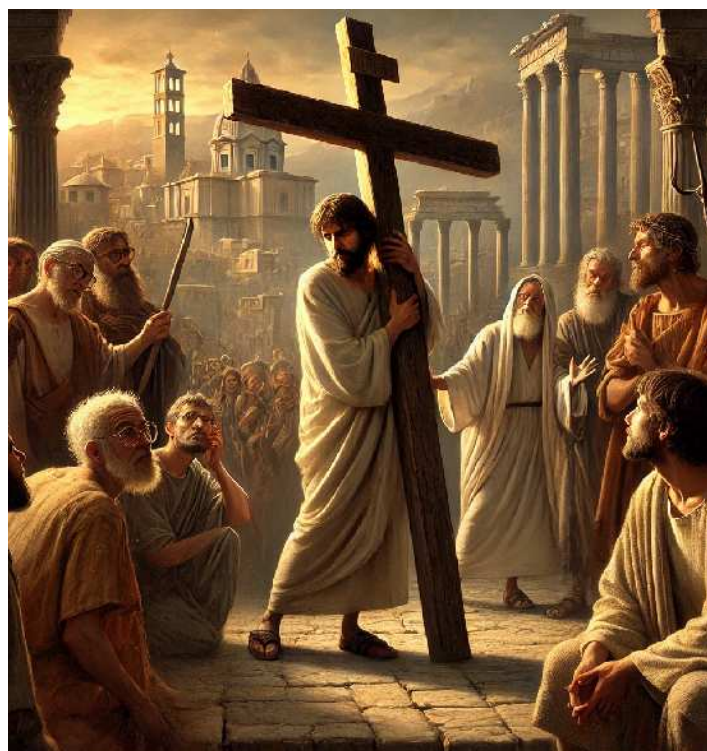
apartado, deixarei uma questão para a reflexão e a meditação pessoal.

## **A resistência à Cruz de Cristo**

Não é fácil, nunca foi fácil aceitar a Cruz de Cristo. Desde os primórdios do cristianismo, a Cruz de Cristo aparece como uma pedra de tropeço, quer para os discípulos quer para a cultura secular. Como pode passar a salvação pela morte ignominiosa numa cruz? Como pode o Salvador morrer como um maldito? No entanto, “a linguagem da cruz é certamente loucura para os que se perdem, mas para os que se salvam, para nós, é força de Deus.” (1 Cor 1, 18)

Urge, então, voltar a enfrentar o escândalo da cruz de Cristo, porque “crer na Páscoa não é justa fé: demasiado belo surges na Páscoa! Fé verdadeira é na Sexta-Feira Santa”. (David Maria Turolde) Na verdade, “se quisermos saber quem é Deus, devemos ajoelhar-nos aos pés da cruz.” (J. Moltmann)

Enfrentaremos o escândalo da Cruz de Cristo, buscando o seu verdadeiro sentido, guiados pelo apóstolo Pedro. “Com efeito, em Pedro lemos a nossa reação ante a cruz.” (Carlo Maria Martini) As suas dificuldades em aceitar e compreender a cruz de Jesus são também às nossas. A sua autossuficiência e o seu orgulho



também residem em nós. Oxalá que como ele, ao fim, também nós aceitemos o olhar misericordioso do Crucificado, nos convertamos à cruz e pela cruz e lhe declaremos com sinceridade, realismo e generosidade o nosso amor débil, mas verdadeiro.

**- Quais são as tuas dificuldades em compreender e aceitar a Cruz?**

## **A autossuficiência de Pedro e a nossa**

Logo após o primeiro anúncio da Paixão de Jesus, descobrimos a resistência de Pedro à cruz de Cristo e os seus esforços para que o caminho de Jesus não passasse pela cruz. (cf. Mc 8, 31-33) Pedro é incapaz de aceitar que Deus o ame gratuitamente e faça algo por ele. Pensa mais no que pode fazer por Deus no que aquilo que Deus faz por Ele. “Pedro é generosíssimo, quer ser ele a morrer. [...] Nunca chegou a aceitar que Jesus é mais generoso do que Ele, que está ao seu serviço e que tem de deixar-se dirigir. Pedro interpretou sempre tudo numa chave de autossuficiência.” Neste comportamento, temos “a inversão total do Evangelho; não é Jesus o que nos salva, mas somos nós que o salvamos e à Igreja; já não é o evangelho da iniciativa divina, é o evangelho da nossa bravura e do nosso atuar a favor de Deus.” (Carlo Maria Martini)

Ainda hoje esta tentação/dificuldade caracteriza a vida de muitos discípulos. São tantos aqueles que tem dificuldade em compreender que é tão divino amar como deixar-se amar. Na verdade, “Se reside no Pai a fontalidade do amor, no Filho está a recetividade do amor.” (Bruno Forte)

**“Come può la salvezza arrivare attraverso una morte ignominiosa su una croce?”**

- Para ti, é mais fácil amar e ser amado?
- Será que só pode amar verdadeiramente quem é/se sente amado?

- Tenho uma imagem verdadeira das minhas qualidades e debilidades ou prefiro esconder-me atrás da máscara do orgulho?

## O orgulho de Pedro e o nosso

Também o orgulho foi um obstáculo para que Pedro aceitasse a Cruz do Senhor. Na última ceia e ante a advertência de Jesus sobre a possibilidade da traição (cf. Mc 14, 17-21), Pedro não admite que o seu amor possa ser frágil e que O possa trair. “Pedro, em vez de tomar consciência da sua pobreza e da sua fragilidade, tira dali [da advertência de Jesus] um motivo de autossuficiência e de presunção.” (Carlo Maria Martini) Tem uma imagem deformada de si pelo orgulho. Um orgulho que o leva a considerar-se

## O drama de Pedro e o nosso: Sou um pecador salvo por Jesus!

Autossuficiente e orgulhoso, generosíssimo e impecável é assim que Pedro chega à noite da Paixão onde se desvelará a verdade que este Apóstolo não queria assumir: sou um pecador salvo por Jesus! São dois os acontecimentos que, na noite da Paixão, levam Pedro a descobrir a sua verdade: o seu sono, no horto das oliveiras, e as três negações, no pátio do sumo-sacerdote.



melhor do que os outros e a baixar a guarda na defesa das tentações.

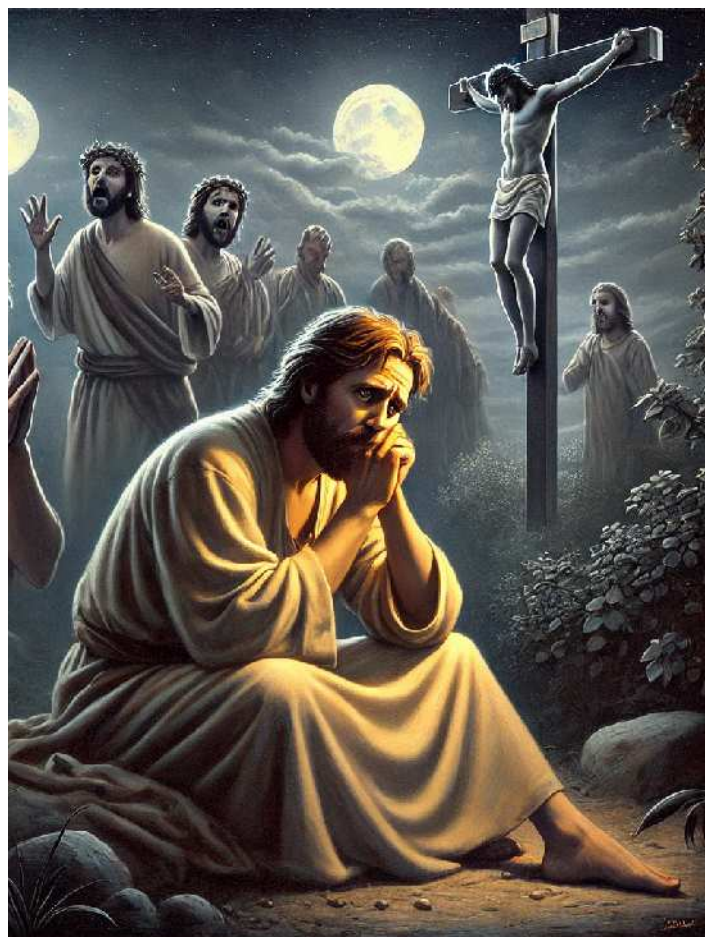
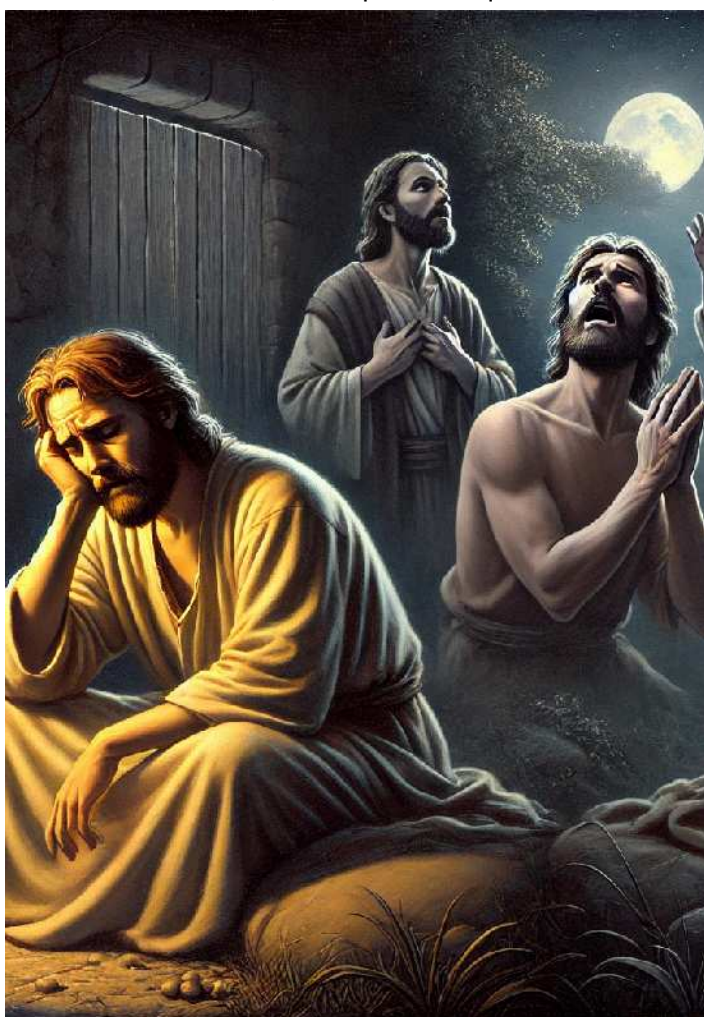
Esta é também uma das características bem patente em tantos discípulos hodiernos. “Eu cá não tenho pecados desse tipo!” “Sou melhor do que os outros!” É a ilusão dos orgulhosos que tornam Deus mentiroso e se autoexcluem da salvação trazida por Cristo. (cf. 1 Jo 1, 8-10) Cristo não ofereceu a sua vida na cruz, porque somos bons, santos e justos. Pelo contrário, Ele ofereceu a sua vida na cruz, porque somos pecadores e necessitamos da sua graça. (cf. Rm 5, 6-8)

O Pedro que dizia que ainda que todos abandonassem Jesus ele não o abandonaria é o Pedro que não é capaz de vigiar uma hora com Jesus. (cf. Mc 14, 37-38) O Pedro que prometeu ir até à morte por Jesus, foi o Pedro que por três vezes negou Jesus. (cf. Mc 14, 66-72) Na hora da tribulação, da prova, da cruz caem todas as máscaras. Não sou o salvador do mundo! Sou frágil, débil, cobarde e pecador!

Poderíamos pensar que a descoberta desta temível verdade não poderá conduzir a outro lado senão ao desespero. No entanto, é este o terreno propício para a cruz de Cristo deitar

raízes e florir pascalmente. Com efeito, o evangelista Lucas diz-nos que depois de Pedro ter batido mesmo no fundo, “no mesmo instante, estando ele ainda a falar, cantou um galo. Voltando-se, o Senhor fixou os olhos em Pedro; e Pedro recordou-se da palavra do Senhor, quando lhe disse: ‘Hoje, antes de o galo cantar, irás negar-me três vezes.’ E, vindo para fora, chorou amargamente.” (Lc 22, 60-62)

O canto do galo não bastou para despertar Pedro. De nada serve a denuncia fria e acusadora do pecado senão para conduzir ao desespero que caracteriza o sentido de culpa. Pedro descobriu a sua verdade, o seu pecado, à luz do olhar misericordioso de Jesus e isto fez toda a diferença. Na verdade, o olhar misericordioso de Jesus é profético, curador de feridas e criador de futuro. “Como é o olhar de Jesus? O seu olhar é profético e poético [criador]. [...] não olha com fingida condescendência para quem finge ignorar as nossas feridas, a nossa existência, mas sabe-as acolher e trabalhar, vaso partido que volta ao



torno do oleiro. Então Lhe entregamos com confiança o que temos. Não escondas as tuas fraquezas, mas constrói em cima delas! O pior que tens pode ser o melhor que possuis. A partir das tuas feridas podes tornar-te um curador das feridas dos outros.” (Ronchi)

Naquela troca de olhares entre Jesus e Pedro, o Apóstolo poderia pensar o seguinte: “Ele more por mim, que sou um verme e um covarde (esta é a verdade!); eu queria ser quem sabe o que e agora Ele está a morrer por um pobre homem como eu, reduzido a não saber quem sou. Venceste-me Senhor, Tu és melhor do que eu; acreditava que o conseguiria, que faria algo por ti, mas tu me desconcertas-te com a tua bondade, vais morrer por mim, coisa da que eu próprio me envergonho.” (Carlo Maria Martini)

É neste momento que Pedro chega onde toda a vida cristã tem de começar: aceitar o amor primeiro e gratuito de Jesus por mim. Só neste momento é que Pedro deixa-se verdadeiramente amar e aceita a salvação oferecida por Jesus. “Onde está a salvação?

Quando eu o atraíçoo, Ele perdoa-me e ama-me. E novamente me converte. Da sua ferida aberta não sai raiva ou rancor, mas é ferida da qual saem sangue e água (Jo 19, 34). Sangue que é amor; água que é inocência.” (Ronchi)

Que difícil é deixar-se amar! Que difícil é deixar-se amar sem mérito algum! Que difícil é aceitar que Jesus me ame! Foi por mim, pelos meus pecados, porque me ama e me quer bem que Jesus foi até à cruz.

- **Será que já aceitei este amor misericordioso de Jesus na minha vida?**
- **Será que a minha autossuficiência e o meu orgulho não estarão a tornar a graça de Deus inútil?**
- **Considero os momentos de pecado e de reconciliação como momentos (trans)formativos?**

### **Um amor para ser verdadeiro não precisa de ser perfeito!**

No entanto, o caminho de Pedro não termina aqui. Pelo contrário é aqui que (re)começa, porque “toda a lei é precedida de um és amado e seguida de um amarás.” (Paul Beauchamp) Prova desta verdade é o diálogo entre Jesus e Pedro, no lago de Tiberíades, após a ressurreição. (cf. Jo 21, 15-19) Se por três vezes, Pedro negou Jesus, na noite da paixão, por três vezes, no amanhecer esperançoso da ressurreição, professa o seu amor frágil, mas verdadeiro. É maravilhoso ver a evolução espiritual de Pedro: de orgulhoso e autossuficiente a humilde e sincero!

A pergunta de Jesus a Pedro é a pergunta do amor. “Simão, filho de João, tu amas-me?” Jesus não utiliza um termo qualquer para interrogar Pedro. Jesus emprega o verbo agapâs me, ou seja, Jesus pergunta a Pedro se o ama com um amor divino e profundo. Pedro respondeu à esta pergunta da seguinte forma: “Sim, Senhor, Tu sabes que eu sou deveras teu amigo”, ou seja, Pedro responde com um amor de simples amizade (filô se).

Esta diferença de verbos mostra que Pedro já se conhece bem e que deixou de ser orgulhoso. Não temos aqui a resposta soberba que Pedro deu a Jesus na última ceia. A resposta de Pedro

demonstra a consciência da sua debilidade e do seu fracasso, mas também a sua vontade de, na sua debilidade, amar Jesus até ao fim. Contentar-se-á Jesus com o amor de simples amizade de Pedro? Sim, contenta-se. Na verdade, na terceira pergunta, Jesus já não utiliza o verbo do amor divino e profundo, mas o verbo da amizade. Com efeito, como nos recorda o Papa Francisco, “o facto de o seu amor ser imperfeito não significa que seja falso ou que não seja real. É real, mas limitado e terreno.” (A Alegria do Amor, 113) “Não é a perfeição que Ele procura em mim, mas a autenticidade. Não me vou esgotar para ser perfeito, mas para ser verdadeiro e não hipócrita, isso sim.” (Ronchi)

É a este Pedro débil que Jesus confia o seu rebanho e convida ao seguimento. Para Deus mais importante do que o passado é o futuro. “O bem possível de amanhã conta mais do que o mal de ontem. [...] Vais sair do teu passado, vais à procura do novo [...] o bem é possível e o amanhã conta mais do que o mal de hoje. A ele nunca interessa o passado, porque é o Deus do futuro.” (Ronchi)

Senhor, tu dizes-me que foi por mim que foste até à cruz! Hoje, eu digo-te que é por Ti que volto a lançar as redes. Hoje, apoiado no Teu amor revelado na cruz, recomeço, porque



“viver é esta paciência infinita de recomeçar!” (Ronchi). Contigo, sou o que nunca seria! Na verdade, “és para mim o que a primavera é para as flores, o que o vento é para o papagaio de papel. Vieste e fizeste resplandecer a vida. Impossível amar-te e não tentar assemelhar-te, em ti mudado como semente em flor.” (G. Centore)

**- Contempla este diálogo de Jesus com Pedro: ‘Jesus perguntou a Simão Pedro: ‘Simão, filho de João, tu amas-me mais do que estes?’ Pedro respondeu: ‘Sim, Senhor, Tu sabes que eu sou de veras teu amigo.’ Jesus disse-lhe: ‘Apascenta os meus cordeiros.’ (Jo 21, 15)**  
**- E tu, que responderias?**

## **Conclusão: “Segue-me”**

Concluimos esta catequese, não como quem chega à meta, mas como quem se mete a caminho. Após a tríplice confissão de amor, Pedro não chegou à meta do seu caminho formativo, simplesmente o recomeçou e mal o recomeçava voltava a tropeçar.

Assim narra o evangelho de São João: “Pedro voltou-se e viu que o seguia o discípulo que Jesus amava, o mesmo que na ceia se tinha apoiado sobre o seu peito e lhe tinha perguntado: ‘Senhor, quem é que te vai entregar?’ 21Ao vê-lo, Pedro perguntou a Jesus: ‘Senhor, e que vai ser deste?’ 22Jesus respondeu-lhe: ‘E se Eu quiser que ele fique até Eu voltar, que tens tu com isso? Tu, segue-me!’” (Jo 21, 20-22)

A formação é uma tarefa nunca terminada. Na verdade, na estrada do seguimento de Jesus Crucificado, somos Igreja sempre chamada à renovação, congregação sempre convidada à reforma e religiosos sempre necessitados de conversão! Não desanimemos! Sigamos a Jesus Crucificado e veremos a nossa vida em processo de (trans)formação! ✝



**P. Nuno Filipe  
Ventura Martins  
C.P.  
(MAPRAES)**

Nasceu em Santa Maria da Feira (Portugal) a 21 de dezembro de 1985. Emitiu a sua primeira profissão religiosa, na antiga província FAT, a 17 de setembro de 2006 e foi ordenado sacerdote a 18 de setembro de 2011.

Durante os seus primeiros anos de ministério, foi diretor de postulante (2018-2021) e diretor espiritual do seminário diocesano de Viana do Castelo (2014-2021).

Atualmente, encontra-se em Roma a realizar o doutoramento em Teologia Dogmática.

passio



**"Eis-me aqui,  
envia-me"**



**A Paixão  
de Cristo:**

**nossa fonte  
de vida  
e missão**

**48°  
CAPITULO  
GENERALE**